

**MATERIAL DIDÁTICO VOLTADO À FORMAÇÃO
INICIAL E CONTINUADA DOS/AS
PROFESSORES/AS DE QUÍMICA E CIÊNCIAS
SOBRE OS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO**

LAYSSA APARECIDA ABRANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

LAYSSA APARECIDA ABRANTES

**MATERIAL DIDÁTICO VOLTADO À FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA
DOS/AS PROFESSORES/AS DE QUÍMICA E CIÊNCIAS SOBRE OS ESPAÇOS DE
EDUCAÇÃO**

PRODUTO EDUCACIONAL

Orientador:

Vinícius Catão

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2024

MATERIAL DIDÁTICO VOLTADO À FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS/AS PROFESSORES/AS DE QUÍMICA E CIÊNCIAS SOBRE OS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO

O presente material didático elaborado a partir de uma pesquisa de mestrado que visava entender a formação dos licenciandos de Química da Universidade Federal de Viçosa referente aos espaços de educação, tem como objetivo contribuir na formação de futuros professores e auxiliar os que já estão em atuação na articulação de trabalhos realizados fora da sala de aula, visando a construção do conhecimento sociocientífico. Vale destacar que quando esses locais são bem explorados, ajudam a despertar o interesse e motivação dos alunos, conforme destacam Sousa e Melo (2016) em seu trabalho e está ilustrado na Figura 1, ajudando assim no processo de aprendizagem.

Figura 1. Atuação de educadores em um Museu possivelmente de artes.



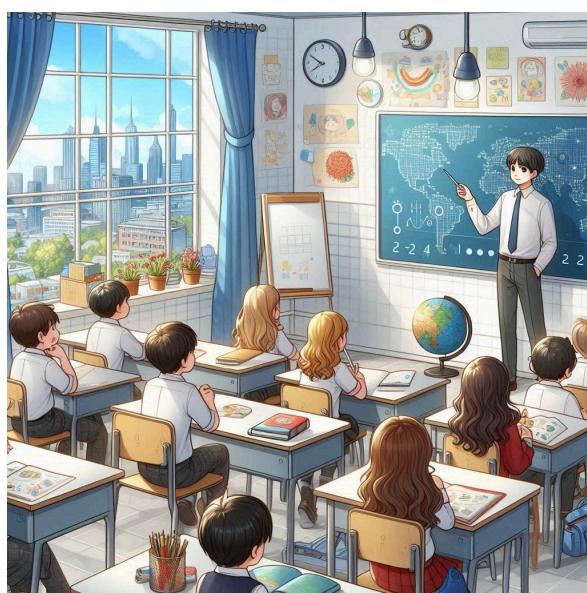
Fonte: Inteligência artificial da Bing (2024).

Como analisado na dissertação de Abrantes (2024) sob a orientação do professor Vinícius Catão, o assunto tem sido pouco abordado nas Licenciaturas em Ciências Naturais. Por isso, os autores deste material acreditam que ele ajudará a entender as classificações dos diferentes espaços educacionais e quais os pontos os docentes devem ficar atentos quando forem planejar uma visita nestes locais.

Primeiramente, avaliamos que é necessário ter clareza quanto às definições sobre os espaços formais e não formais de educação, de modo a ser possível entender os objetivos para explorar tais locais e seus potenciais educativos. Para tanto, será abordada aqui a definição proposta pela professora Daniela Franco Carvalho Jacobucci (2008), da Universidade Federal de Uberlândia, conforme destacado a seguir:

- **Espaços formais de educação** representam a Escola/Universidade com todas as suas dependências, contemplando assim as instituições de Ensino Básico e Superior, regidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), como ilustrado na Figura 2.

Figura 2. Representação do espaço de uma sala de aula tradicional.



Fonte: Inteligência artificial da Bing (2024)

- **Espaços não formais** são divididos em duas categorias: (i) **institucionalizados**, que representam os locais estruturados e regulamentados, tendo uma equipe responsável pelas atividades realizadas, tal como os Museus, Zoológicos e Parques Botânicos (Figura 3); e (ii) **não institucionalizados**, que são ambientes naturais ou urbanos onde não há uma estrutura institucional, mas podem ser preparados para receber ações educativas, tal como as praças, cinema, teatro, supermercado (Figura 4) e campo de futebol.

Figura 3. Representação de aula no Parque de Botânica (espaço institucionalizado).



Fonte: Inteligência artificial da Bing (2024).

Figura 4. Aula em um supermercado (espaço não institucionalizado)



Fonte: Inteligência artificial da Bing (2024)

Vale destacar que o *espaço não formal não institucionalizado* de educação definido por Jacobucci é nomeado pelos autores deste material como sendo um *espaço informal de educação*, pois consideramos ser uma escolha terminológica mais adequada para fomentar discussões socioeducacionais sobre este tema.

Diante dessas classificações, é importante destacarmos que a Base Nacional Comum Curricular reforça que aprender Ciências “envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico), mas também de transformá-lo com base nos aspectos teóricos e processuais da ciências” (Brasil, 2018, p. 321). Logo, isso nos faz pensar que a Escola é o espaço para os alunos acessarem e construírem o conhecimento científico básico, mesmo sendo limitada para fornecer toda a compreensão do mundo (Krasilhik; Marandino, 2004). Por isso, os espaços não formais de ensino têm grande relevância na formação cidadã. Eles ajudam a aumentar a socialização e experiências de aprendizagens dos visitantes por possuírem estruturas e abordagens diferentes dos espaços formais (Sánchez-Mora, 2013), conforme ilustrado na Figura 5, contextualizando o que foi aprendido na sala de aula e enfatizando a importância do conteúdo para a sociedade.

Figura 5. Socialização dos alunos em um museu.



Fonte: Inteligência artificial da Bing (2024).

Além disso, conforme afirmou Soares (2015), quando o docente explora conjuntamente o espaço não formal com o formal, isso pode favorecer a formação crítica e cidadã dos alunos. Nesse sentido, para que o aluno consiga construir o conhecimento científico, o mesmo deve fazer sentido para ele, ou seja, conforme afirma Queiroz e Colombo Junior (2022), o ensino das Ciências deve estar relacionado com o cotidiano deles. Por isso, a exploração dos outros espaços além do formal, ajuda o discente a entender a aplicação do que viu em sala de aula, dentro de seu contexto sociocultural. Também pode aumentar suas motivações e interesses pelos conteúdos ministrados em sala de aula.

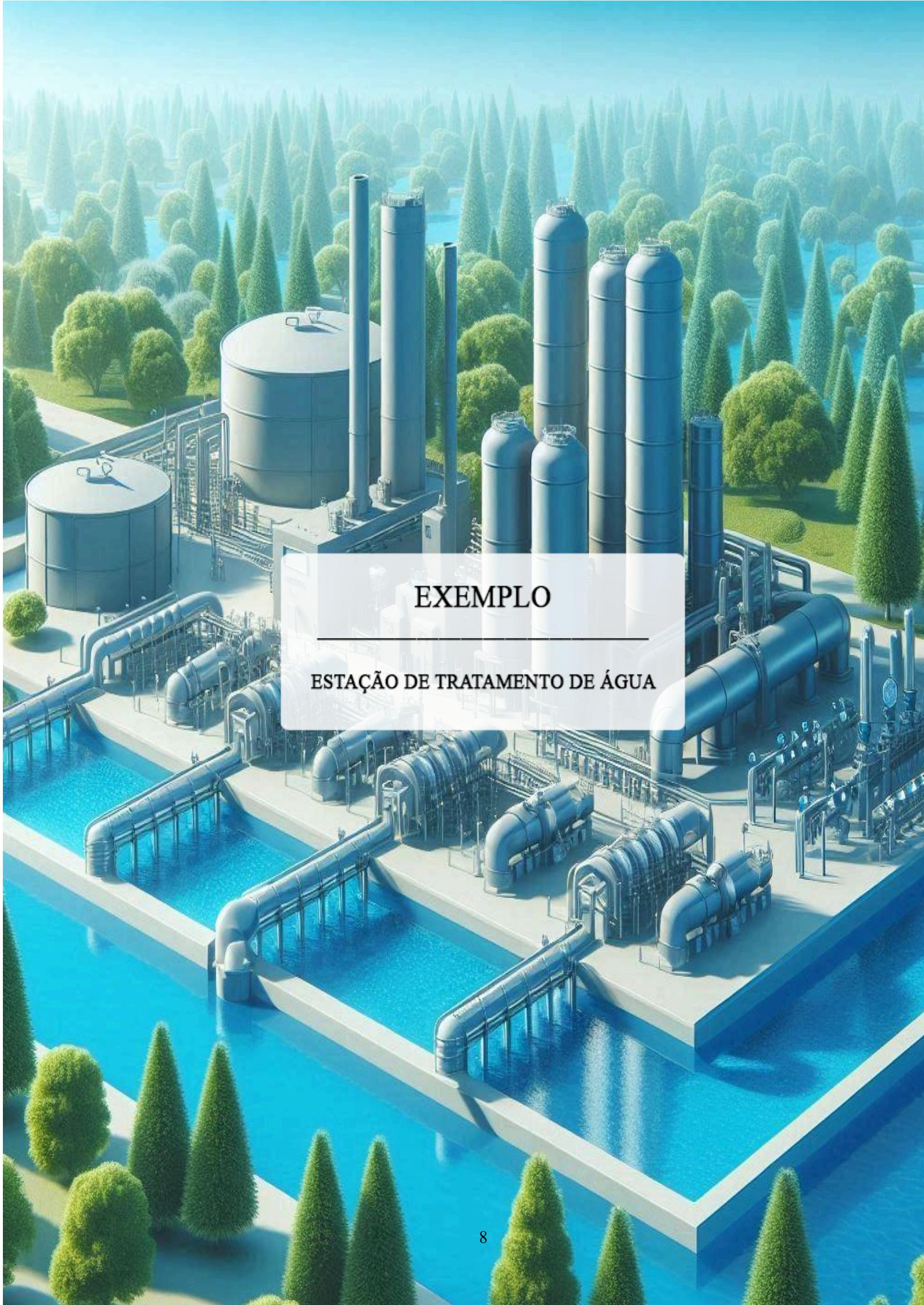
Mas para que todas essas contribuições sejam alcançadas é necessário que o professor planeje a visita. Além disso, é importante também que o docente deixe claro os objetivos da ida a um determinado espaço de educação para que os alunos não a vejam como uma passeio (Marandino, 2014) e deixe de explorar seus potenciais para a construção de seus conhecimentos. Vale destacar que primeiramente o docente precisa conhecer o espaço a ser visitado, entender sua funcionalidade, exposições, identificar quais conteúdos podem ser explorados no local para então, fazer o planejamento da ida ao espaço (Santos, 2016).

Diante disso, há três momentos muito importantes que o professor deve ficar atento quando se planeja explorar um espaço não formal de educação. É necessário pensar no antes, durante e depois da visita. Deve-se abordar o conteúdo a ser explorado antes da visita, bem como deixar claro os motivos de ir a determinado local. Após a ida ao espaço, é importante a retomada da discussão sobre o assunto para que não seja perdida, mas seja explorado ainda mais com trabalhos ou apresentações dos alunos de forma a contribuir na construção do conhecimento científico e sanar eventuais dúvidas. Diante disso, todas as contribuições dos espaços não formais de educação para a construção do conhecimento e a importância desses momentos são ressaltadas por Marandino e outros contribuidores no vídeo que tem como acesso o QR Code da Figura 6.

Figura 6. QR Code para acesso ao vídeo da professora Martha Marandino (USP).



Fonte: Arte feita no Canva - autoria própria (2024).



EXEMPLO

ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA

Assim, baseado no texto *Ensino de Ciências e Cidadania* das autoras Myriam Krasilchik e Martha Marandino (2004), serão abordados tópicos importantes a serem organizados para levar os alunos a um espaço de educação, bem como exemplos para os mesmos:

- **Tema:** ponto de partida para elaboração do planejamento, que serve para destacar um assunto dentro do ensino de Ciências.

Exemplo: A importância do tratamento de água e a manutenção da vida.

- **Modalidade:** modalidades didáticas que ajudem os alunos a terem reflexões sobre determinado assunto, explicitar suas ideias, pensarem em problematizações e ouvirem outros interlocutores.

Exemplo: Atividade em espaço informal de educação.

Observação: segundo o referencial teórico já apresentado para as classificações dos espaços de educação, a ETA-UFV é classificada como não formal porque não possui uma estrutura planejada para receber visitas.

- **Locais:** Espaço a ser realizada a atividade. Suger-se locais fora da sala de aula e do ambiente escolar para que os alunos possam aplicar seus conhecimentos e explorar outras habilidades como o pensamento crítico e a alfabetização científica.

Exemplo: Estação de Tratamento de Água da Universidade Federal de Viçosa (MG).

- **Tempo:** É importante estipular um tempo total mínimo de execução de todas as atividades para facilitar o planejamento.

Exemplo: 7 horas.

- **Áreas de conhecimento envolvidas:** o professor pode trabalhar em um visita somente com a área do conhecimento que leciona, mas também pode desenvolver uma trabalho interdisciplinar que, conforme afirma Umbelino e Zabini (2014), aborda uma diálogo entre as disciplinas, mostrando que o ensino não é fragmentado.

Exemplo: Química e Biologia.

- **Objetivos:** importante o professor deixar claro para os alunos o motivo de estar indo em determinado local . Nesse tópico é necessário especificar o que se pretende fazer com cada atividade.

Exemplo: (i) entender os processos que envolvem o tratamento de água; (ii) compreender a importância e aplicabilidade dos conteúdos químicos e biológicos aprendidos em sala para a potabilidade da água; (iii) conscientizar sobre a importância do uso racional da água e do trabalho desenvolvido nas estações de tratamento de água.

- **Justificativa:** são indicadas as razões para desenvolver a atividade, os resultados que se pretende obter e as implicações sociais e culturais.

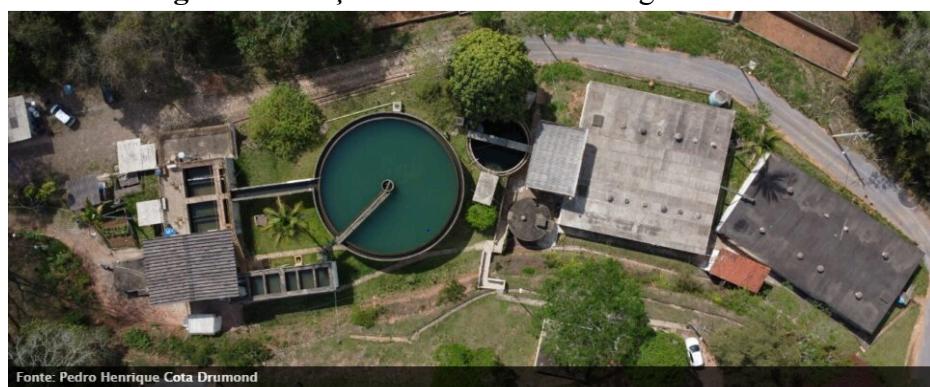
Exemplo: As Estações de Tratamento de Água desenvolvem um importante papel em nossa sociedade, tornando a água potável para consumo humano e, consequentemente, fazendo a manutenção da vida humana. Diante disso, sendo um local que faz parte da realidade de todos os cidadãos, é importante que os docentes explorem-o mostrando aos alunos que os conteúdos que aprendem em sala tem aplicação e importância para o funcionamento do local. Logo, conseguirão entender além das fórmulas que são passadas em sala de aula, ficando mais interessados diante da contextualização do assunto. Tal fato contribui para a formação cidadã dos estudantes ao desenvolverem o pensamento crítico sobre a importância do trabalho desenvolvido no local e a conscientização do uso racional da água. Consequentemente, contribui também para a sociedade, uma vez que terão mais pessoas conscientes sobre a necessidade da preservação desse recurso natural tão importante para a vida no planeta.

- **Desenvolvimento:** Descrever com detalhes o que se deseja fazer em cada etapa da atividade, destacando também a metodologia e o material a ser utilizado.

1) Momento antes da visita: Essa etapa tem como objetivo trabalhar alguns assuntos para serem contextualizados na visita, bem como conhecer o local. Com relação aos conteúdos de Química, o professor pode lecionar, por exemplo, sobre métodos de separação de misturas, reações, pH, eletrólise, equilíbrio químico ou funções inorgânicas. Tais assuntos podem ser trabalhados conjuntamente com outros de biologia como, por exemplo,

doenças que são causadas por microrganismos quando a água não é tratada; importância dos processos químicos para eliminação dos microorganismos patogênicos, organismos que causam biofilmes na tubulação e métodos de eliminação sem afetar a população no fornecimento de água. Além disso, é necessário que os alunos conheçam o local onde visitarão. Por isso, o professor deve mostrar imagens do local (Figuras 7 e 8), abordar a parte histórica dele, seu funcionamento e importância.

Figura 7. Estação de Tratamento de Água da UFV.



Fonte: Pedro Henrique Cota Drumond

Fonte: <https://meioambiente.ufv.br/>

Figura 8. Decantador e filtros da Estação de Tratamento de Água da UFV.



Fonte: Cícero Garcia da Silveira Filho - técnico da ETA-UFV.

Observação: para esta etapa o docente pode explorar um site interativo sobre Estação de Tratamento de Água na sala de aula. Segue o QR Code para acesso: <https://sustentabilidade.brkambiental.com.br/portasabertas/eta-adultos>.



Outra possibilidade também é o uso de animações e/ou vídeos que ajudem os discentes a entender melhor as etapas do tratamento de água antes de irem ao local. Dessa forma, quando irem ao local, terão mais conhecimento dos processos e poderão explorar mais o local. Seguem dois vídeos com acessos disponíveis por meio dos QR Codes (Figuras 9 e 10).

Figura 9. Animação sobre as etapas do tratamento de água.



Fonte: Feita no Canva (2024)

Figura 10. Explicação sobre as etapas do tratamento de água



Fonte: Feita no Canva (2024)

Se o professor desejar fazer um trabalho com os alunos após a visita, trazemos algumas sugestões como estudo de caso, situação problema, aplicação de questionário ou experimentação relacionado ao que foi visto no local e estudado em sala de aula. Com relação ao questionário é importante que o docente traga perguntas que faça os alunos refletirem se a visita trouxe contribuições para o seu aprendizado, se conseguiram relacionar o que vivenciou no local com conteúdos estudados em sala de aula e alguma reflexão que o faça refletir a importância do local para a sociedade.

Outro ponto importante é orientar aos alunos, antes da visita, sobre os cuidados que devem tomar durante a mesma, se houver roupa ideal para irem informá-los, meio de transporte, termos de consentimento dos responsáveis se for necessário e reforçar o horário que irão ao local.

2) Visita ao espaço: Antes de iniciar a visita é importante o docente reforçar os cuidados que devem ser tomados e se podem ou não tocar nas exposições ou materiais do local. É importante ter um momento da visita que os alunos sejam acompanhados por um mediador do local ou pelo próprio professor, na qual os estudantes deverão ficar mais atentos para responder às questões ou anotar pontos importantes para resolverem o trabalho passado em sala de aula. Também é necessário que eles tenham um tempo livre para revisitar a parte que mais lhes chamou a atenção, podendo ter a supervisão do professor ou mediador por questões de seguranças deles e/ou do local.

É desejável que o docente tenha conversado com o mediador do local antes da visita, caso ele não for conduzir, para especificar quais assuntos que os alunos estão estudados e que deseja ser enfatizado.

3) Retorno à Escola: É importante ter um momento de discussão do que foi visto e analisado na visita a um espaço de educação para que não seja perdido o trabalho feito. Podem ser feitas apresentações de trabalho com fotos que os alunos tiraram no local, se permitido pelo espaço, ou apresentação das atividades explicitadas no tópico “momento antes da visita”. Além disso destaca-se também, um momento de conversa entre professor e alunos, na qual, em uma roda de conversa, todos expõem como a ida a um espaço não formal contribui para a construção do seu conhecimento, quais momentos associaram o que viram com os conteúdos estudados em sala, se houve mudanças em suas percepções sobre a importância do trabalho desenvolvido no local e como favoreceu a suas respectivas formações de cidadãos. Soma-se que após isso o professor pode desenvolver ainda mais o senso crítico dos alunos ao perguntá-los quais ações dos seres humanos podem prejudicar o tratamento da água. Após as ponderações apresentadas, pode ser enfatizado a eutrofização. Logo, deve ser apresentado pelo docente o conceito desse fenômeno destacando que é o enriquecimento de nutrientes na água (Barreto *et al.* 2007), sendo o fósforo e nitrogênio os principais. Para impactar e despertar a curiosidade é necessário mostrar uma imagem e/ou um vídeo que representa uma lagoa eutrofizada como, por exemplo, a Lagoa da Pampulha localizada em Belo Horizonte, MG (Figuras 11 e 12).

Figura 11. Eutrofização da Lagoa da Pampulha (Belo Horizonte - MG).



Fonte:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/27/lagoa-da-pampulha-em-bh-apresenta-coloração-esverdeada-e-poluição-video.ghtml>

Figura 12. Vídeo sobre a eutrofização da Lagoa da Pampulha



Fonte: Arte feita no Canva - autoria própria (2024).

Conforme destacou Azevedo (2011), o uso de imagens na prática pedagógica permite que os discentes ao observá-las sejam capazes de terem ideias sobre o que é analisado, gerando interpretações. Logo, isso os estimulam a querer entender mais o que está sendo visto.

Após o professor apresentar o conceito de eutrofização e mostrar a imagem e/ou vídeo do fenômeno, divide-se a sala em três grupos na qual cada um ficará responsável por um dos três temas relacionados ao fenômeno: fontes que contribuem para o aumento da eutrofização, efeitos do fenômeno e consequências econômicas e culturais para a sociedade.

Para a apresentação dos temas, o professor pode pedir para os alunos trazerem imagens e ou slides sobre o tema que ficaram responsáveis ou gravarem vídeos como se fossem reportagens da televisão para noticiar cada um dos fatos.

Em uma aula posterior, deve ser feito novamente uma roda de conversa na qual o docente fará questionamentos de como a eutrofização, diante de tudo o que foi apresentado, pode afetar o tratamento de água. Nesse momento é importante que os alunos façam associações com o que viram na visita entendendo como as ações humanas podem afetar a potabilidade da água e, consequentemente, a manutenção da vida humana.

Sperling (1996) abordou algumas dificuldades para ser feito o tratamento de água quando há eutrofização no local de coleta da água bruta que precisam ser enfatizadas com os alunos. Ele destaca que devido a essa poluição haverá alga, cor, sabor e odor; maior consumo de produtos químicos e lavagens mais frequentes dos filtros. Também reforça que deve ser analisado se há toxinas de algas na água, uma vez que se houver, esse recurso hídrico deve ser rejeitado para abastecimento humano e animal.

Finalizando os três momentos que englobam trabalhos no espaço formal e não formal de ensino, o professor pode optar em fazer uma exposição dos principais pontos sobre o tratamento e discussões sobre a eutrofização para os demais alunos da escola ou até mesmo na praça da cidade. Tal fato tem como intuito levar a conscientização para outras pessoas sobre a importância do tratamento de água, ações para preservar esse recurso hídrico e evitar poluições.

Destaca-se que para o desenvolvimento das atividades propostas é importante que o professor tenha o antes, durante e depois, mas pode optar por fazer ou não o momento de discussão sobre eutrofização e apresentação para a comunidade da cidade ou escolar. No entanto, destaca-se que essas duas últimas etapas contribuem para ter maior construção do conhecimento dos alunos e suas formações cidadãs, bem como ajuda na conscientização da população.

Outro trabalho importante e que contribuirá para a formação cidadã e do pensamento crítico dos alunos é desenvolver uma análise dos rótulos das garrafinhas de águas minerais. Isso pode ser feito após o momento da roda de conversa sobre a visita na estação de tratamento de água.

Primeiramente, é importante que o docente deixe claro para os alunos a diferença entre água tratada e água mineral. Deve ser destacado que a água potável é toda aquela que é própria para o consumo humano e animal, livre de organismos patogênicos. Diante disso, a água tratada é um tipo desse recurso potável, mas que passou pelas etapas de uma estação para tornar a água captada em represas ou lagos adequadas para o consumo. Já a água mineral é estabelecida pelo Código de águas minerais no Decreto -Lei N° 7.841 de 1945 como

Art 1. Águas minerais são aquelas provenientes de fontes naturais ou de fontes artificialmente captadas que possuam composição química ou propriedades físicas ou físico-químicas distintas das águas comuns, com características que lhes confirmam uma ação medicamentosa. (1945).

Logo, é importante informar aos estudantes que águas minerais são captadas diretamente de nascentes ou de locais subterrâneos, sendo que sua composição química irá variar conforme onde foi retirada. Desse modo, após essa breve explicação, o professor pedirá que os alunos tirem foto de um rótulo (Figura 13) de uma garrafa mineral e tragam na próxima aula uma análise do mesmo. Vale ressaltar que é necessário explicitar para eles que Código de Águas Minerais exige que deve ser informado ao consumidor as seguintes informações sobre a água mineral: local de captação, tipo (natural ou adicionada de gás carbônico), composição química, volume do líquido, número de registro do Ministério da Saúde, informação nutricional, bem como instruções de armazenamento e consumo.

Figura 13. Rótulo de água mineral.



Fonte: Editada (2024).

Na aula de discussão sobre o rótulo, o professor, primeiramente, deve pedir para que os alunos destaquem o que mais os chamaram a atenção quando fizeram a análise. Em seguida, deve conduzir com questionamentos para outros pontos importantes, perguntando se todas as informações exigidas na legislação estão presentes e a importância de serem informadas. Além disso, pode ser perguntado qual a importância de cada componente químico, qual está em maior quantidade e o motivo da diferença da quantidade dos compostos.

Diante do explicitado, este material didático elaborado a partir de uma pesquisa de mestrado que visava entender a formação dos licenciandos de Química da Universidade Federal de Viçosa referente aos espaços de educação, tem como objetivo contribuir na formação de futuros professores e auxiliar os que já estão em atuação. Essa é uma iniciativa para demonstrar como o trabalho conjunto do espaço formal com os não formal contribui para a construção do conhecimento do aluno e ajuda a diminuir a transmissão do mesmo. Por isso, espera-se que outros profissionais da área se sintam motivados e continuem incentivando o uso desses espaços, bem como contribuindo para o aperfeiçoamento deste material em prol da formação docente.

Referências

AZEVEDO, Norma Suely Menezes Soares de. A linguagem não verbal no espaço escolar.

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti- Caderno Variae. n.15. p1-7. 2010.

BARRETO, Luciano Vieira; BARROS, Flávia Mariani; BONOMO, Paulo; ROCHA, Felizardo Adenilson; AMORIM, Jhones da Silva. Eutrofização em rios brasileiros.

Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer- Goiânia . v.9, n.16, p.2167-2179, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC. 2018. p.321-324. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acessado em: 01/05/2024.

BRASIL. Decreto-Lei N° 7841, de 8 de agosto de agosto de 1945. Código de Águas Minerais. Constituição da República. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del7841.htm

BRASIL. Lei N°9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Diário da União, 1996.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. Em extensão. Universidade Federal de Uberlândia. vol 7, n. 1, 2008.

KRASILCHIK, Myriam; MARANDINO, Martha. **Ensino de Ciências e cidadania.** São Paulo. Editora Moderna. 1a ed., 2004.

MARANDINO, Martha. Espaços não formais no contexto formativo. **Ensino de Biologia: experiências e contextos formativos.** Goiânia, p. 169-180, 1º edição, 2014.

SÁNCHEZ-MORA, María del Carmen. La relación Museo-Escuela: tres décadas de investigación educativa. In: RÍOS, Claudia Aguirre. **El Museo y la Escuela, conversaciones de complemento.** Parque explora. p. 9-23, 2013.

SANTOS, Adriana de Souza. **Espaços não formais de ensino: contribuições de uma ação formativa para a prática de formação de professores de Ciências.** Dissertação (Mestrado) - Universidade do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Exatas e da Terra. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática. 2016.

SPERLING, Marcos Von. Introdução à qualidade das águas e ao tratamento de esgotos. Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental -UFMG. Belo Horizonte. 2º edição revisada. v.1. p.151-166. 1996.

SOARES, Ozias de Jesus et al. Reflexões sobre a relação museu-escola: na direção de um museu permeável. Educação On-Line (PUCRJ), v. 18, p. 27-44, 2015.

SOUZA, Adriele Rodrigues de; MELO, Edia Maria de Souza Costa. O uso dos espaços não formais como instrumento facilitador do ensino aprendizagem de matemática no Colégio Estadual Argemiro Antônio de Araújo. Repositório da Universidade Estadual de Goiás -UEG-Câmpus Posse. 2016. p.1-14.

QUEIROZ, Pedro de Araujo; COLOMBO JUNIOR, Pedro Donizete Colombo. Educação não formal e formação inicial de professores: algumas reflexões. **Revista Triângulo,** Uberaba-MG. v.15, n.2, p. 84-101, 2022.

UMBELINO, Moacir; ZABINI, Franciele Oliveria. A importância da interdisciplinaridade na formação docente. In: Seminário Internacional de Educação Superior, 2014. Universidade de Sorocaba, Uniso. Anais Eletrônicos. Disponível em:

<https://www.uniso.br/assets/docs/publicacoes/publicacoes-eventos/anais-do-sies/edicoes/edu-formacao-professores/44.pdf> Acessado em: 11/05/2024.

VIDAL, Jussara. Um diálogo entre a política cultural e a educação não formal: contribuições para o processo de constituição da cidadania das pessoas com deficiência.
Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.